Newman (um dom raro), Santa Teresinha do Menino Jesus (faz crescer nas provações), Jacques Maritain (o ateísmo contemporâneo), Romano Guardini (são tantos os seus caminhos), Henri de Lubac (precisa do gosto por Deus), Yves Congar (nasce com o calor do lar), (H.-U. von Balthasar (a luz de Deus), Jean Daniélou (não resolve todos os problemas), J. Ratzinger (é a interpretação da realidade).

Simples na linguagem, embora escrito por um doutorado em Teologia, trata-se de um livro acessível a qualquer leitor e que muito poderá ajudar a viver o «Ano da Fé» ou programas pastorais a incidir sobre a mesma Fé, e bem assim a todo o crente que procure razões e incentivos para a sua Fé.

RAUL AMADO

FILOSOFIA

CAPELLE-DUMONT, Philippe, **Finitude et mystère II**, coll. « Philosophie & Théologie », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 205 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-10016-8.

Philippe Capelle-Dumont, doutor em filosofia e em teologia, decano honorário da Faculdade de Filosofia do Instituto Católico de Paris, atualmente professor na Universidade de Estrasburgo, presidente da Academia Católica de França e da Sociedade Fancófona de Filosofia da Religião, é sobretudo um eminente investigador, com umas trinta obras publicadas. Dedicou-se presentemente sobretudo ao estudo das relações entre a filosofia e a teologia. Depois de *Finitude et mystère* (I) (2005) e dos quatro tomos de *Philosophie et théologie. Anthologie*

(2009-2011), apresenta agora este volume de *Finitude et mystère II*. Como explica na Introdução, o seu esforço é aqui conduzido pela dinâmica relacional entre as duas palavras em título: «finitude onde o mistério se expõe; mistério no qual a finitude se explora». Na sua análise entram em jogo quatro modalidades de razão humana: a razão filosófica, a razão teológica, a razão científica e a razão estética. Se no primeiro volume versou a problemática inerente sob o prisma de fundo do «reconhecimento», neste segundo propõe-se fazê-lo sob o prisma da «aliança».

Na mesma introdução, Ph. Capelle-Dumont, através de quatro géneros de problemas, exemplifica as vantagens (e também as dificuldades) que advêm à problemática em análise da sua perspetivação na base da categoria da «aliança»: o problema intercultural, o problema inter-religioso, o problema teológico-político e o problema bioético.

O texto do seu estudo, estruturou-o em duas partes. Na primeira, sob o título englobante de «Inspirations», passa em revista, em sucessivos capítulos, os fundamentais esquemas de relacionamento entre a finitude e o mistério e, com eles, entre a filosofia e a teologia, esquemas que fornecem inspiração para o aprofundamento hodierno da problemática. Começa com São Paulo e os filósofos. Vêm depois: a primeira patrística e a filosofia (Justino, Clemente de Alexandria, Tertuliano); a herança patrística, sob o signo da teoria da iluminação (luz do *Lógos* e luz de Deus); neoplatonismo, filosofia e teologia; nomes divinos e nomes metafísicos em Tomás de Aquino; a fenomenologia religiosa em Martin Heidegger: decisão e cumprimento; Ricoeur, herdeiro de Nabert, e a relação entre ética e religião; Emmanuel Levinas: o infinito, a alteração e o Deus.

A segunda parte, sob o título «Dualités», interroga, em perspectiva sistemática, as principais tensões herdadas, no nosso tempo, pelas três grandes famílias disciplinares: a fenomenologia, a metafísica e a teologia. São seis capítulos, em que o autor analisa sucessivamente os temas: fenomenologia e teologia: a dupla irredutibilidade; «meta», «theos» e excedência: razão metafísica e razão teológica; passar o tempo, ou entre metafísica e teologia, ou as implicações de uma noção de tempo que Ph. Capelle-Dumont, com Heidegger à vista, qualifica como «testamentário» (adjetivação que explica e justifica na p. 148); ordens de verdade e evento de verdade, um capítulo em que analisa com muita pertinência o papel da filosofia e da teologia no diálogo inter-religioso, explorando relações entre verdade filosófica e temporalidade, verdade «única» e religião, unidade da verdade entre «cumprimento» e «salvação», e onde realça a necessidade de articulação entre as diferentes verdades, bem como a verdade como evento em que a temporalidade se torna relevante, segundo, aliás, o paradigma do próprio mistério da Verdade (eterna) encarnada no tempo em Jesus Cristo; cristianismo e judaísmo, entre filosofia e teologia é o tema do penúltimo capítulo; o último é dedicado à questão teológico-política na sua relação com o princípio de autoridade.

JORGE COUTINHO

DANBLON, Emmanuelle, *L'Homme rhétorique. Culture, raison, action*, coll. « Humanités », Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2013, 227 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09926-4.

A autora deste ensaio, professora de retórica na Universidade Livre de Bruxe-

las, faz nele a apologia desta disciplina, contra uma série de mal-entendidos a seu respeito. Ao contrário do reducionismo de que foi alvo desde Platão, a razão retórica é, segundo E. Danblon, a forma mais completa da razão humana, distante quer dos racionalismos que reduzem esta a uma razão pura de todo o elemento não estritamente lógico (uma razão formalista e desencarnada) quer dos irracionalismos que desvalorizam toda a logicidade em favor do sentimento e da intuição, acabando num niilismo que serve de substrato quer ao relativismo moral quer à abertura *New Age* aos mistérios do mundo, sem qualquer hierarquização dos diferentes domínios do saber.

O título do livro sugere a sua ideia de fundo: a retórica pertence à natureza humana, constituindo no homem a sua mais completa modalidade da razão. O subtítulo, por sua vez, desdobra esta ideia, realçando que é a retórica que – servida, integradamente, por múltiplas componentes, que a enriquecem como forma de pensar e comunicar: inteligência, emoção, imaginação, narratividade, incitamento à ação, etc. – humaniza o mundo ou educa a cidade: funda e organiza a justiça, decide politicamente, exprime as identidades, celebra os heróis e denuncia os traidores, transmite a memória, enfim modela a cultura.

A primeira parte é consagrada a analisar como é que, desde as origens e particularmente desde Aristóteles, a humanidade inventou uma tal técnica para construir a cidade. Mas também como ela foi perdendo a sua alma face a múltiplas resistências. A autora realça aí, não só os valores próprios da retórica enquanto modalidade oral da razão, mas também a sua complementaridade com a modalidade escrita da mesma razão. A segunda parte convida o leitor a considerar o conjunto das manifestações